



Opção pelo “commodismo”

Economia-Brasil

NELSON BRASIL DE OLIVEIRA
Vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Química Fina (Abifina)

Hoje é fato notório que a economia brasileira está se desindustrializando. Dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostram que, entre 1981 e 2008, a participação da indústria no PIB brasileiro caiu de 44,31% para 27,34%. Até aqui, por conta do comportamento errático do câmbio, o país não conseguiu avançar na consolidação de segmentos da indústria com maior intensidade tecnológica.

O Plano Real teve na política cambial uma de suas principais âncoras e fator decisivo para a estabilização da economia. Todavia, o que era para ser transitorio virou permanente e essa política se tornou a maior responsável pelo processo de desindustrialização. Como se esperava, ela teve efeito negativo na taxa de investimento, contrariando a previsão dos seus defensores de que a desvalorização do dólar baratearia a importação de máquinas e equipamentos e assim aumentaria nossa competitividade.

O que ocorreu, em vez disso, foi uma concentração em segmentos de commodities industriais, produtos de reduzida agregação de valor em relação aos bens primários. As indústrias de produtos com maior valor agregado foram, paulatinamente, sendo fechadas e as que sobreviveram enfrentam enormes dificuldades, como é o caso da indústria da química fina.

Dados do Iedi sobre a balança comercial da indústria no período 2004-2009 mostram que os setores de média e alta tecnologia apresentaram um déficit elevado e crescente. Esse cenário é típico da “doença

holandesa” — excessiva valorização do florim ocorrida em decorrência do enriquecimento da Holanda com o petróleo, que praticamente destruiu a indústria daquele país. A supervalorização do real e sua permanente instabilidade, causada pela flutuação diária do câmbio, impedem o crescimento da indústria brasileira de bens de maior densidade tecnológica.

A mudança desse cenário exige a adoção de medidas imediatas. O economista Mauro Arruda, consultor de empresas e do poder público focado no problema da desindustrialização, sugere a instituição de sistema de metas de câmbio, à semelhança do que se faz no controle da inflação. Esse sistema estabeleceria limites para a flutuação do câmbio e seria complementado por medidas fiscais, de acordo com a conjuntura econômica do momento. Assim o BC atuaria como o FED norte-americano, que define taxas de juros cotejando a evolução da inflação com as previsões de crescimento do PIB.

A perspectiva de se estabelecer um compromisso da política cambial com o desenvolvimento deveria orientar nossa política monetária, hoje inegavelmente subordinada aos interesses do mercado financeiro. É desse segmento que vêm as pressões no sentido de aumentar a taxa de juros para 11% ou mais, a pretexto de que seria a única maneira de manter a inflação sob controle. Se isso acontecer, será difícil revertir a tendência de maior valorização do real e a consequente queda do nível de investimento.

Em reforço à introdução de metas de câmbio e

para evitar a progressão da doença holandesa, seria conveniente a criação de um fundo soberano, a exemplo do que fizeram países com reservas cambiais expressivas como a Noruega, apenas para citar um país rico em petróleo. Essas seriam algumas medidas para trazer o valor do real a patamares que incentivem a expansão e o fortalecimento de indústrias de maior intensidade tecnológica.

É esperado que o real se desvalorize este ano, seja por conta dos crescentes déficits em transações correntes e na balança comercial, seja por conta da própria valorização do dólar. Isso será benéfico para a indústria nacional, mas não suficiente para a recuperação dos segmentos intensivos em tecnologia. Sem um mínimo de estabilidade e com o câmbio flutuando fortemente e de maneira desordenada, não haverá investimentos expressivos nesses segmentos.

O Brasil pode se orgulhar de estar atravessando período de grande estabilidade macroeconômica, assegurada pelo acúmulo de reservas cambiais em montante respeitável. Este é o momento para realizar mudanças e superar os evidentes sintomas da doença holandesa que acometem nossa economia. Não é prudente um país com economia forte, renda per capita elevada e boa distribuição de renda acomodar-se à condição de grande produtor de commodities, ficando à mercê das oscilações internacionais de demanda e de preços e — pior que isso — das manobras especulativas que freqüentemente alvejam essa classe de mercadorias.